



## Um estudo filológico-ortográfico da Língua Portuguesa em Goiás: variações vocálicas e consonantais no *Livro de Notas 02* (Jataí-GO)

### A Spelling-Philological Study of the Portuguese Language in Goiás: Consonantal and Vocalic Variations in *Livro de Notas 02* (Jataí-GO)

Carolina Faleiros Felício  
Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão

Vanessa Regina Duarte Xavier  
Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão

#### Resumo

Nesta investigação, parte-se da premissa de que, a partir do estudo filológico, pode-se observar e analisar a ortografia da Língua Portuguesa em uso em Goiás no final do século XIX. O objeto de estudo é o *Livro de Notas 2* (1876-1877), que se encontra sob a guarda do Cartório do 1º Tabelionato de Notas da cidade de Jataí-GO. Os principais objetivos foram caracterizar e analisar as variações grafemáticas encontradas no *corpus*, investigando se há em tais variações uma tendência à uniformização ou à pluralidade na escrita da época. Primeiramente, foi feita uma revisão da edição do *corpus*, conservando a escrita legítima da época; logo em seguida, foram coletados todos os vocábulos que apresentassem algum tipo de variação grafemática vocálica ou consonantal – “a” por “e”, “e” por “i”, “i” por “e”, “o” por “u”, “u” por “o”, “u” por “i”; ditongos nasais finais, letras ramistas, semivogais, variações gráficas entre “s”, “z”, “c”, “s” e “ç”, uso do “h” em contextos diversos do atual, consoantes geminadas, consoantes duplas em palavras de origem latina –, que totalizaram quinhentos e quarenta e nove (549) vocábulos. Após a coleta, foram realizadas as análises destes, que demonstraram maior tendência à regularidade do que ao caos linguístico.

**Palavras-chave:** ortografia, filologia, história da língua.

#### Abstract

In this research, we start from the premise that, from a philological study, it is possible to observe and analyze the spelling of the Portuguese Language in use in Goiás at the end of the 19th century. The object of study is the *Livro de Notas 2* (1876-1877), which is under the custody of the 1st Notary Registry Office in the city of Jataí-GO. The main objectives were to characterize and analyze the graphematic variations found in the *corpus*, investigating whether there is a trend towards uniformity or plurality in the writing of that time. Firstly, a revision of the edition of the *corpus* was made, preserving the legitimate writing of that time; then, all the words that presented some kind of vocalic or consonantal graphematic variation were collected, “a” for “e”, “e” for “i”, “i” for “e”, “o” for



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p.01-170, jan.-abril.2018.

“u”, “u” for “o”, “u” for “i”; final nasal diphthongs, ramistic letters, semivowels, graphematic variations among “s”, “z”, “c”, “s” and “ç”, the use of “h” in different contexts from the present one, geminate consonants, double consonants in words from Latin–, which added up to five hundred and forty-nine (549) words. After gathering those items, were analyzed them, and they showed greater tendency to regularity than to linguistic chaos.

**Keywords:** spelling, philology, history of the language.

### Resumen

En esta investigación, si parte de la idea de que a partir del estudio filológico, puede observar y analizar la ortografía de la lengua portuguesa en uso en el estado de Goiás en el final del siglo XIX. El objeto de estudio es el *Libro de las Notas 2 (1876-1877)*, que se encuentra bajo la custodia de las notas de registro de la ciudad de Jataí-GO. Los principales objetivos fueron caracterizar y analizar las grafemáticas variaciones encontradas en el *corpus*, investigando si existen en dichas variaciones una tendencia a la uniformidad o a la diversidad en la escritura del tiempo; En primer lugar, se hizo una revisión de la edición del *corpus*, conservando la legítima escritura del tiempo; poco después, fueron recogidos todos los vocábulos que presentaran algún tipo de variación grafemática vocálica o consonántica – la “a” por “e”, “e” por “i”, “i” por “e”, “o” por “u”, “u” por “o”, “u” por “i”, los finales de diptongos nasales, letras ramistas, planeos, variaciones gráficas entre “s”, “z”, “c” e “ç”, uso del “h” en los contextos varios del actual, consonantes hermanadas, consonantes dobles en palabras de origen latina –, que ascendieron quinientos cuarenta y nueve (549) palabras. Después de la colección, realizaron los analisis, que demostraron una mayor tendencia a la regularidad que al caos lingüístico.

**Palabras-clave:** ortografía, filología, historia de la lengua.

### Introdução

Neste texto, apresentam-se resultados de pesquisa realizada no âmbito da Filologia<sup>1</sup>, campo de investigação que abrange os estudos voltados para todos os tipos de documentos antigos, com diversos fins, seja para conhecer a história de um povo, obter informações de determinada época ou estudar uma língua. Assim sendo, importa informar que este trabalho se situa na área dos estudos linguísticos. De modo específico, fez-se um estudo da ortografia da Língua Portuguesa em uso em Goiás no final do século XIX.

Para tanto, tomou-se como objetivo de análise o *Livro de Notas 2 (1876-1877)*, o qual encontra-se sob a guarda do Cartório do 1º Tabelionato de Notas da cidade de Jataí-GO e contém escrituras, procurações, posses de terra, registro de dívidas, pagamentos, dentre outros. A partir do estudo filológico, buscou-se observar e analisar a ortografia da Língua Portuguesa em uso em Goiás no final do século XIX, a qual sofreu várias modificações até chegar à forma como é aceita atualmente pela norma dita padrão.

Relativo aos objetivos dessa pesquisa, estes consistiram em caracterizar e analisar as

<sup>1</sup> O conceito de Filologia que mais se aproxima do trabalho aqui realizado é o apresentado por Almeida (2011, p. 1), em que: “no sentido mais amplo (*lato sensu*), a filologia se dedica ao estudo da língua em toda a sua plenitude – linguístico, literário, crítico textual, sócio-histórico etc. – no tempo e no espaço, tendo como objeto o texto escrito, literário ou não-literário”. Além disso, conforme ressalta Ximenes (2012), só é possível conhecer o passado através de registros deixados pelas sociedades, no que a Filologia tem um papel principal: “o resgate da produção textual de uma época que possibilita conhecer a história da língua” (XIMENES, 2012, p. 94).



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p.01-170, jan.-abril.2018.

variações grafemáticas encontradas nos documentos em estudo, a fim de contribuir com o estudo da Língua Portuguesa usada em épocas pretéritas. Ademais, teve-se como meta ainda, com base em Toledo Neto (1999), investigar se há nessas variações uma tendência à uniformidade ou à pluralidade gráfica. Acerca disso, Cagliari (2005, p. 22) salienta que:

Como as línguas, as ortografias são dinâmicas, variam com o passar do tempo. Essa variação e essa mudança ocorrem porque aparecem novos modismos ou por ignorância de uso, que vai se generalizando. Depois de certo tempo, essas modificações são incorporadas e passam a funcionar como qualquer outra forma gráfica de sistema.

Segundo este autor, mesmo com a pluralidade da língua, não houve, em épocas passadas, um caos na ortografia, como muitos do século XX acreditavam. Desta forma, Cagliari (2015, p. 22), salienta que “é bem claro e possível estabelecer sistemas ortográficos coerentes para períodos de tempo”. Desta maneira, intentou-se verificar se a ortografia presente nos documentos seguiu determinados padrões ortográficos, aceitos tacitamente e que são peculiares a cada época da história da língua.

## 1. Das bases teórico-metodológicas do trabalho

Para atingir os objetivos propostos, percorreu-se o seguinte caminho metodológico: i) revisão da edição do Livro de Notas supracitado; ii) coleta de todos os vocábulos que apresentaram algum tipo de variação grafemática e; iii) análise dos dados.

Na primeira etapa, realizou-se a revisão da edição do *Livro de Notas 02*, o qual já se encontrava editado de acordo com as “*Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português no Brasil*”. Segundo Fachin (2009, p. 251) “os critérios de transcrição utilizados para esse tipo de edição são elaborados com a intenção de conservar o estado de língua dos manuscritos, possibilitando, menos possível, a interferência do editor.”. O caráter conservador desse tipo de transcrição fica nítido ao se observar suas normas, dentre as quais destacamos três:

1. A transcrição será conservadora. [...] 3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. [...] 7. Eventuais erros do escriba ou do copista serão remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção. (FACHIN, 2009, p. 251).

Essas normas (no total são 16 critérios) possibilitam a oferta de edições fidedignas dos



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p.01-170, jan.-abril.2018.

manuscritos, o que permite que estudos linguísticos como esse sejam realizados. Dando sequência a pesquisa, selecionou-se os vocábulos que sofreram algum tipo de variação *vocálica* ou *consonantal*. Acerca desses tipos de variações gráficas, Santos (2006, p. 128) afirma que:

Em relação à representação gráfica de segmentos e sequências vocálicas, levamos em consideração as variações dos **grafemas a por e, e por i, i por e, o por u, u por o, u por i**; dos ditongos nasais finais; das letras ditas ramistas (u e v, i e j, com valores vocálicos); das semivogais. Sobre as representações gráficas das consoantes e das sequências consonântais, observaremos as variações gráficas entre **s,z / c,s e ç, z**, as variações no uso do **h**, das consoantes geminadas, uso de consoantes duplas em palavras de origem latina, da formação de sílabas por metátese e hipértese.

Depois de coletar todos os vocábulos, organizou-se um Índice de Frequência e Ocorrência, semelhante ao que foi organizado por Santos (2006). Esse índice contém informações sobre a frequência dos vocábulos com variação grafemática, as formas variantes, a quantidade de vezes em que apareceram e sua localização no documento, feita através do *recto* (r.) e verso (v.) do fólio. Na sequência, procedeu-se à classificação dos vocábulos, conforme apresentassem variações vocálicas e/ou consonantais e, então, em seus respectivos subtipos, obedecendo-se à categorização proposta por Santos (2006) e explicitada acima.

Feito isso, iniciou-se a etapa de maior complexidade da pesquisa, a análise das variantes grafemáticas, tendo como base o que dizem ortógrafos e gramáticos históricos sobre a escrita da época. Um dos postulados de maior importância neste estudo é a classificação da ortografia da língua portuguesa em períodos, feita por Coutinho (1976, p. 71-72):

93. PERÍODO FONÉTICO: começa este período com os primeiros documentos redigidos em português e se estende até o século XVI. Apesar de certa flutuação que se observa na grafia das palavras, a preocupação fonética transparece a cada momento. A língua era escrita para o ouvido. 94. PERÍODO PSEUDO-ETIMOLÓGICO: Inicia-se no século XVI e vai até o ano de 1904, em que aparece a *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana. O que caracteriza este período é o emprego de consoantes geminadas e insonoras, de grupos consonantais impropriamente chamados gregos, de letras como o *y, k* e *w*, sempre que ocorriam nas palavras originárias. 95. PERÍODO SIMPLIFICADO: Principia com a publicação da *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana, em 1904, e chega até os nossos dias.

De acordo com o autor, no período *fonético*, os escritores e copistas tinham o objetivo de facilitar a leitura, sendo assim, escreviam da forma mais próxima da língua falada. Por esse motivo, “não havia um padrão uniforme na transcrição das palavras” (COUTINHO, 1976, p. 72) e, assim, o vocábulo podia aparecer grafado de modo diferente, em um mesmo documento.

No período denominado *pseudoetimológico*, buscava-se respeitar a grafia etimológica das palavras, o que fez com que o latim e o grego tivessem muita influência na ortografia da



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p.01-170, jan.-abril.2018.

Língua Portuguesa. Nesse período, surgiram várias dúvidas em relação à escrita das palavras, o que demandava do copista um conhecimento apurado acerca das palavras e de suas origens.

O período *simplificado*, por sua vez, teve seu início quando o governo português percebeu a necessidade de uma ortografia uniforme, o que resultou na proposição de vários acordos para se chegar a uma uniformização.

A partir da caracterização feita por Coutinho (1976) dos períodos da ortografia portuguesa, pretendeu-se verificar se as variações grafemáticas revelavam a influência apenas do período no qual se enquadram ou se haviam vestígios de outros períodos. Para tanto, foram de grande valia as obras de Gonçalves Viana (1912) e Madureira Feijó (1861). Este por explicar os usos de cada vogal e consoante do alfabeto. Aquele, por se tratar de uma obra do início do séc. XX, período posterior à escrita do *Livro de Notas 02*, o que possibilitou observar modificações na ortografia, que por ventura já estivessem presentes nos documentos analisados.

Nunes (1945) também ofereceu subsídios para a análise, uma vez que apresenta várias informações sobre as vogais e suas variações, recorrendo às formas arcaicas para explicar porque houve algumas modificações, enquanto outras formas desapareceram. Teyssier (1997) e Willians (1975) também foram de grande auxílio para a análise das variações grafemáticas, principalmente no que diz respeito às variações vocálicas encontradas.

## **2. Análise das variações grafemáticas no *corpus***

Ancorando-se nos pressupostos teóricos elencados na seção anterior, fizemos o inventário dos vocábulos, no qual identificamos haver um total de quinhentos e quarenta e nove (549) vocábulos que apresentaram variações em suas grafias, que se dividem em *cento e setenta e dois (172)* vocábulos vocálicos e *trezentos e setenta e sete (377)* vocábulos consonantais, conforme se observa no gráfico a seguir:



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p.01-170, jan.-abril.2018.

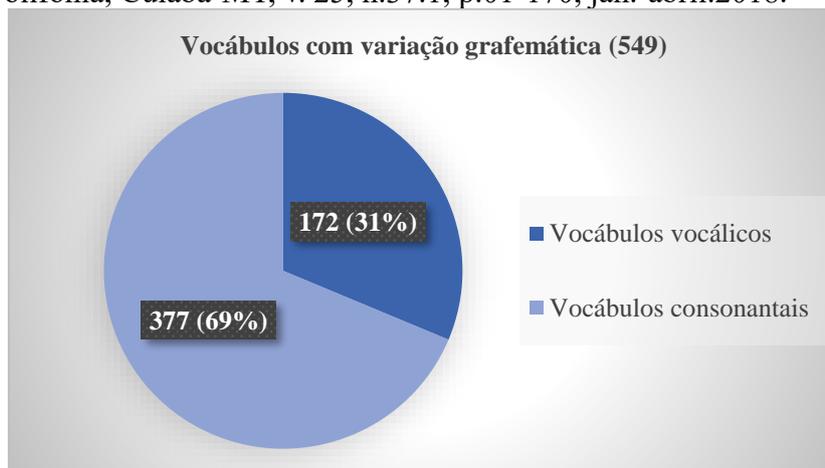


Gráfico 1 – Vocábulos com variação grafemática no Livro de Notas 02 (Jataí-GO).  
Fonte: elaborado pelas autoras.

## 2.1 Variações vocálicas

As variações vocálicas ocorreram em um total de cento e setenta e dois (172) vocábulos, com frequências que variaram de uma (1) a setenta e oito (78) vezes. De acordo com a classificação proposta por Santos (2006) e neste trabalho adotada, as variações vocálicas se dividem em dez (10) tipos, os quais são apresentados na tabela abaixo, juntamente com a quantidade de vocábulos encontrados no *corpus* de pesquisa.

Tipos de variações vocálicas	Ocorrência dos vocábulos no Livro de Notas 02 (Jataí)
1) “a” em contextos de “e”	0
2) “e” em contextos de “i”	6
3) “i” em contextos de “e”	6
4) “o” em contextos de “u”	5
5) “u” em situações de “o”	2
6) “u” em contextos de “i”	2
7) variação na ditongação final nasal	133
8) uso do “y”	17
9) variação entre “i” e “j”	0
10) variação entre “u” e “v”	1
Total	172

Tabela 1: Tipos de variações vocálicas e a ocorrência dos vocábulos  
Fonte: Elaborada pelas autoras.

Percebe-se que não foram encontrados no *corpus* vocábulos do *Tipo 1* (com uso de “a” em contextos de “e”) e variações do *Tipo 9* (entre “i” e “j”). Do uso do grafema “e” em contextos de “i” (*Tipo 2*), encontraram-se os seguintes vocábulos: “esperito” (2), “permettidos” (3), “possue” (4), “dstricto” (3), “previlegios” (1) e “escrevão” (1). Na obra de Feijó (1861), todas



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p.01-170, jan.-abril.2018.

as palavras encontram-se escritas com o grafema “i”, o que nos leva a pensar que provavelmente houve por parte do escriba uma hipercorreção, pela sua hipótese de que o uso do “i” nesses contextos estaria relacionado à influência da oralidade, o que deveria ser evitado na escrita formal. Ainda segundo Nunes (1945, p. 62):

[...] esta troca está tanto nos nossos hábitos que pessoas cultas mesmo, quando falam descuidadamente, a praticam, sendo tida por afectada e por quase toda a gente, ainda a mais lida, rejeitada a pronúncia de *i* em vocábulos como *vizinhos*, *dividir*, *ministro*, etc..

Identificaram-se os seguintes vocábulos do *Tipo 3*, com o grafema “i” em contextos em que se esperaria o uso de “e”: “sirvir” (2), “friguísia” (2), “freguisia” (1), “Lagiado” (3), “quasi” (1) e “mai” (1). Novamente, em Feijó (1861), essas palavras encontram-se escritas com “e”, com exceção de *mai*, variante de *mãe* que, para o autor, deveria ser escrita com “y”. Portanto, percebe-se que havia o entendimento de que a representação gráfica do fonema /i/ nesta palavra deveria ocorrer através dos grafemas “i” ou “y”, que possuem o mesmo valor fonológico. Nos três primeiros casos, parece tratar-se de uma consequência do processo de assimilação aos fonemas vocálicos presentes nas sílabas tônicas.

Quanto ao vocábulo “quasi” (1), vale dizer que ele está escrito de acordo com os padrões gráficos vigentes à época de escrita do documento, já que Viana (1912) diz que essa forma de grafar tal palavra perdurou até o início do século XX. A ocorrência de palavras com “i” final, segundo Teyssier (1997), começou a ser frequente a partir da segunda metade do século XVIII em Portugal e no Brasil, já que a pronúncia da vogal “e” em posição final de palavra teria se solidificado como “i” nesse período.

Tocante a variação vocálica de *Tipo 4*, com o grafema “o” em situações de “u”, foram encontrados os seguintes vocábulos: “pedio” (13), “agoa” (4), “réo” (4), “procedeo” (1) e “compareceo” (1). No vocábulo “agoa” essa variação se explica “por causa do uso de *gu* por *g* [g], os escribas começam desde o início do século XV a usar *guo* por *gu* [gw], e.g.; *lingua*; *dagua*, isto é, *de agua*. Pelo fim do século XV, *guo* foi substituído por *go*: *agoa* por *água*.” (WILLIANS, 1986, p. 34 *apud* SANTOS, 2006, p. 130). Essa substituição perdurou até o final do século XIX, pois na obra de Feijó (1861) o vocábulo continua grafado da mesma maneira: *agoa*.

Conforme ressalta Willians (1945), a vogal “u” apareceu inicialmente apenas nas palavras em que existia o hiato, o que explica o uso de “o” nos vocábulos “réo”, “procedeo”,



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p.01-170, jan.-abril.2018.

“pedio” e “compareceo”, em que podemos notá-lo constituindo um ditongo. Além disso, parece ter havido também aqui a hipercorreção, pela suposição de que o “u” é a semivogal do ditongo final de palavra, devido à sua pronúncia como tal, conquanto na escrita alterne-se com “o”. Os vocábulos “arueira” (4) e “quatu” (2), que fazem parte da variação do grafema “o” (*Tipo 5*), possivelmente foram grafados desta maneira por influência da pronúncia.

Das variações com “u” por “i” (*Tipo 6*), tivemos apenas os vocábulos “dous” (29) e “cousas” (5). A esse respeito, Nunes (1945, p. 170-204) afirma que: “O ditongo *ou*, quer latino, quer romântico, alterna na língua moderna com *oi*, dizendo-se hoje indiferentemente *ouro*, *touro*, *cousa*, *couro*, *tesoura*, *agouro*, etc., ou *oiro*, *toiro*, *coisa*, *coiro*, *tesoira*, *agoiro*, etc.” Na obra de Feijó (1861, p. 259;240), assim como na de Viana (1945, p. 170;204), os dois vocábulos encontram-se escritos nas duas formas referidas. Isso mostra que a alternância entre elas era admitida pelos padrões gráficos da língua naquele momento.

As variações na ditongação final nasal (*Tipo 7*) representam o segundo maior número de variantes gráficas encontradas no *corpus*, com cento e trinta e três (133) vocábulos. Alguns vocábulos têm sua marca de nasalidade no sinal gráfico til sobre a vogal “a” e, em outros, ela expressa-se através do grafema “m”, como observa-se respectivamente em *tinhão* e *procuraçam*.

Podemos observar que alguns dos verbos encontrados no documento, como “houverão” (2), “achão” (3), “tinhão” (6), “assignarão” (6) e “comparecerão” (3), sempre vêm grafados com “ão”. No *corpus*, esses verbos remetem ora ao presente, ora ao pretérito perfeito ou, ainda, ao imperfeito do indicativo, o que não se admite na grafia atual, em que o “ão” denota o futuro do presente. Feijó (1861) discorda de alguns autores que propõem que todas as formas verbais da terceira pessoa do plural, independente do tempo e do modo verbal, sejam grafadas com “ão” e sugere uma forma de diferenciação:

Eu porém respondo com distincção, e digo: que todos os nomes, que acabão com som forte, ou em que carregamos mais na pronunciação, se escrevão com *ão*, como *Alemão*, *Christão*, *João*, *Sebastião*, &c. E os que forem breves, terão accento na penultima, ou na vogal antecedente: como *Christóvão*, *Estêvão*, &c. Nas linguagens dos verbos, as que acabarem breves, terão os mesmos accents nas vogais penultimas ao dithongo, como: *Elles amárão*, *Ensinárão*, *Lérão*, *Ouvirão* do pretérito; e as que forem longas, não terão os taes accents. (FEIJÓ, 1861, p. 80)

O autor propõe que no pretérito os verbos recebam um acento na penúltima sílaba, o que não ocorreria quando os verbos estavam nos tempos futuros. Mas não se mostrou um critério suficiente e, por isso, não se efetivou na marcação modo-temporal dos verbos referidos. Nos dias atuais, a ortografia, para indicar o pretérito dos verbos e fazer essa diferenciação,



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p.01-170, jan.-abril.2018.

utiliza a terminação “am”, que, no entanto, continua gerando dúvidas nos alunos em fase de aquisição de escrita.

Foram encontrados no *corpus* cinquenta e quatro (54) vocábulos com a terminação em “ão”, em sua maioria verbos, e trinta (30) com a terminação em “am”, sendo a maioria substantivos. Há uma minoria de verbos que alternam entre as terminações “ão” e “am”, como “comparecerão” (3) / “compareceram” (3). É possível observar, a partir dos vocábulos coletados, que havia, no final do século XIX, uma tendência maior em usar “am” nos substantivos, enquanto os verbos eram predominantemente marcados pela terminação “ão”.

Ao todo, onze (11) vocábulos apresentaram oscilações entre as terminações “ão” e “am”, como “escrivam” (78) / “escrivão” (49), enquanto outros foram grafados exclusivamente por “am”, em contextos onde hoje se utiliza a terminação “ão”, como: “administraçam” (8) e “quitaçam” (8).

Provavelmente, as escritas terminadas em “am” / “ão” geravam confusão ao escriba, embora vocábulos como “quitaçam” e “procuraçam”, encontrados no *corpus*, já apareçam grafados como “quitação” e “procuração” na obra de Feijó (1861, p. 406;412), que foi publicada pouco antes da elaboração do Livro de Notas 02 (1876-1877). Ademais, percebe-se a influência da oralidade na grafia dos vocábulos encontrados, já que oralmente não há muita distinção entre “am” e “ão”.

Lançando nosso olhar para outro tipo de variação vocálica, o *Tipo 8*, referente ao uso do “y” em contextos diversos do atual, tivemos um total de dezessete (17) vocábulos. Observa-se, a seguir, que o “y” foi utilizado em contextos onde o sistema ortográfico vigente prevê a semivogal “i”, por vezes representada graficamente por “e”, como em: “Vieyra” (3), “Goyas” (31) / “Goyaz” (18), “pay” (1) e “may” (4). No caso da palavra *may* (mãe), Feijó (1861) salienta que esta pode ser escrita tanto com “e” como com “y”, mas prefere a forma escrita com o grafema “y”.

Willians (1975) pontua que desde o *período fonético* havia confusões nas grafias de *i*, *y* e *j*, como nesses exemplos apresentados pelo autor: *aya* por *haja*; *ydade* por *idade*. Podemos observar essa mesma confusão nos vocábulos “Goyas”, “Vieyra” e “Pay”, presentes no *corpus*. De modo similar, Feijó (1861) afirma que o “y” se pronuncia da mesma forma que a letra “i”, o que poderia justificar as confusões entre os grafemas “y” e “i” em séculos passados. Ainda segundo este autor, o “y” era usado para marcar os ditongos “ay, ey, e oy”, caso dos vocábulos encontrados no *corpus*. Já no começo do século XX, o grafema “y” em ditongos caiu em desuso; apenas continuando a ser usado em alguns nomes próprios.



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p.01-170, jan.-abril.2018.

Durante a coleta de dados, não se encontrou nenhum vocábulo com a variação entre “i” e “j”, mas somente a variação “u” por “v”, em apenas um (1) vocábulo: *Silva*. Este vocábulo apareceu sessenta e sete (67) vezes no *corpus*, e sua variante *Silua* apenas uma (1) vez. Segundo aponta Santos (2006), na origem do alfabeto latino não havia o grafema “v”, mas usava-se o “u” com valor vocálico e consonantal. Ainda de acordo com a autora, desde que o grafema “v” surgiu, ele era confundido com o “u” na escrita.

## 2.2 Variações Consonantais

As variações consonantais são observadas a partir de quatro tipos distintos: 1) a alternância entre as consoantes “s”, “z”, “c” e “ç”; 2) o uso do “h”; 3) o uso de consoantes geminadas; e 4) o uso de consoantes mudas. Na tabela abaixo é apresentada a quantidade de vocábulos referentes a cada um dos subtipos das variações consonantais:

Tipos de variações consonantais	Ocorrência dos vocábulos no Livro de Notas 02 (Jataí)
1) Alternância entre as consoantes “s”, “z”, “c” e “ç”	179
2) Uso do grafema “h”	33
3) Uso de consoantes geminadas (t, n, l, f)	106
4) Uso de consoantes duplas (pt, ct, gn e cç)	59
Total	377

Tabela 2: Os tipos de variações consonantais e a ocorrência dos vocábulos  
Fonte: Elaborada pelas autoras.

Ao todo, foram encontrados trezentos e setenta e sete (377) vocábulos no *corpus* com variações consonantais. As variações entre as consoantes do *Tipo 1* “s”, “z”, “c” e “ç” foram as mais expressivas da categoria, com um total de cento e setenta e nove (179) vocábulos. Em todos os casos de variações consonantais, os vocábulos apresentaram frequências diversas, variando de uma (1) a cinquenta e nove (59) vezes.

Sobre a alternância entre as consoantes “s”, “z”, “c” e “ç”, Teyssier (1997, p. 59) afirma que havia no galego-português “os quatro fonemas /ts/ (ex.: cen), /s/ (ex.: sen), /dz/ (ex.: cozer) e /z/ (ex.: coser)”. Durante o século XVI, as duas africadas /ts/ e /dz/ perderam o elemento oclusivo, mas ainda havia oposição entre elas, já que uma era surda e a outra sonora. Por volta de 1550, ainda conforme o autor, “confusões começam a aparecer nos textos entre cada uma das pré-dorsodontais e a ápico-alveolar que lhe corresponde: encontra-se ç em vez de -ss-, -ss- em vez de ç, z em vez de -s- e -s- em vez de -z-.” (TEYSSIER, 1997, p. 61).

Assim, houve a redução de quatro para dois fonemas, em favor das pré-dorsodontais



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p.01-170, jan.-abril.2018.

/s/ (surda) e /z/ (sonora), que, contudo, ainda gravavam bastante confusão em suas grafias, como nos exemplos dados por Teyssier (1997): *paço* e *passo*, e *cozer* e *coser*. Observa-se essa confusão no documento analisado, em vocábulos grafados com “s” em vez do “z” atual, tais como “fasenda” (41), “fasendo” (24), “faser” (21), “fissesse” (16). A esse respeito, Feijó (1861, p. 104) traz alguns exemplos de quando se deveria escrever com “z”:

Esta regra he mais difficultosa, por serem muitas as palavras, que entre duas vogaes se escrevem com hum só S, e se pronuncia como Z. As regras geraes são, que escreveremos com Z todas as linguagens dos verbos Fazer, Dizer, Prazer, Trazer, nos tempos em que Z fere a vogal seguinte.

Percebe-se que as alternâncias mencionadas acima resultam de hipóteses do copista, muitas vezes por influência da oralidade ou analogia com outras formas aceitas na língua, ou, ainda, por uma própria inconsistência da ortografia, que prevê o uso de grafemas distintos em caso de um único fonema. Feijó (1861) lista em sua obra algumas palavras que deveriam ser grafadas com “z” e “s”, mas, a despeito disso, percebe-se no documento que determinados vocábulos foram grafados com “s” em vez de “z” e vice-versa, de maneira imprópria aos olhos dos padrões ortográficos vigentes, tais como: “juiso” (47), “pas” (36), “Jezus” (11), “gosar” (6), “desesseis” (2) e “valioza” (2).

Os vocábulos “mêz” (5) e “thezouraria” (3), encontrados no *corpus*, estão escritos da mesma maneira na obra de Feijó (1861), consideradas, portanto, grafias adequadas à época em que o documento foi escrito. Houve também variações em antropônimos como “Souza” (89) / “Sousa” (26) e “Jose” (64) / “Joze” (64), mas as duas grafias existem e, como trata-se de nomes próprios de pessoas, podem ser grafados da forma como aprouver a cada um.

Feijó (1861) afirma que há muita confusão com relação às palavras que devem ser escritas com “c” ou “s” devido à sua pronúncia similar diante de “e” e “i” e ressalta ainda que “para os que não sabem diversificar o C do S pela sua pronúnciação, dizem os Orthographos, que não há regra mais certa do que observar as palavras latinas, e escrever por imitação” (FEIJÓ, 1861, p. 46). Dos vocábulos contendo “c” em lugar de “s” atual ou vice e versa, podem-se listar os seguintes, a título de exemplificação: “secenta” (11), “Fonceca” (3) e “passifico” (4),

Apareceram, ainda, no *corpus*, variações entre os grafemas “c” e “ç” e também entre “s” e “ç”, tais como: “presenca” (5), “justica” (5), “pareçer” (8), “compareçeram” (8), “presso” (7) e “fasso” (3). No uso do “c” no lugar de “ç”, pode ser que o escriba tenha se esquecido da cedilha, por pressa ou descuido, ou esta pode não ter ficado clara ao editor dos manuscritos. Já nos vocábulos em que se nota o uso do “ç” em vez de “c”, possivelmente era de



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p.01-170, jan.-abril.2018.

desconhecimento do escriba que antes de “e” e “i”, dispensava-se a cedilha. Com os vocábulos “presso” e “fasso”, provavelmente o escriba procurou evidenciar que não se tratava do “s” com o som “z”, já que o “s” duplo e o “ç” concorrem entre si naqueles contextos. Como aponta Teyssier (1997), desde meados de 1500 ocorrem confusões entre “s”, “z”, “c”, “ç”, fenômeno que se torna menos frequente com a reforma ortográfica estabelecida no início do século XX.

Convém dizer que mesmo nos dias atuais percebem-se numerosas dúvidas em relação à escrita das palavras com “s”, “z”, “ss” e “ç”, devido principalmente aos sons que esses grafemas têm, já que o mesmo som pode ser representado por grafemas diferentes. Ainda conforme ressalta Teyssier (1997, p. 61), “a língua escrita esforça-se em manter a ortografia antiga, sem, no entanto, conseguir evitar inconseqüências do tipo *socegar e Brazil* em vez de *sossegar e Brasil*”.

Tratando neste momento da variação consonantal de *Tipo 2*, referente ao uso do grafema “h”, recorreremos aos dizeres de Willians (1975), o qual ressalta que o “h” foi usado inicialmente para marcar o hiato entre duas vogais, como nos vocábulos “Paranahyba” (9), “Jatahy” (55) e “ahy” (32), encontrados no Livro de Notas em estudo. Já o vocábulo “he” (16) indica a terceira pessoa do presente do indicativo do verbo *ser* e é grafado com “h” inicial para não se confundir com a conjunção “e”, conforme Feijó (1861, p. 68) ressalta: “[...] em muitas [palavras] he preciso, para diferença de outras, que sem H se equivocão, como E conjunção, e He terceira pessoa do verbo Est no portuguez”.

Alguns vocábulos aparecem com “h” escrito em seu interior, tais como: “Chrysto” (37), “Chrysostomo” (21), “authoria” (6), “author” (13), “theor” (16) e “thesouraria” (6). O uso do “h” junto com o “t” nestes se explica justamente pelo período pseudoetimológico, no qual buscava-se escrever as palavras conforme a sua origem suposta ou conhecida: “A Orthographia do T aspirado com H he tirada das palavras latinhas, ou greco-latinhas, que traduzimos para o nosso uso, quasi com as mesmas letras; e para perfeita imitação as observamos” (FEIJÓ, 1861, p. 95). Essas variações eram comuns no século XIX, mas a partir do início do século XX muitas deixaram de existir, como pode ser observado na citação a seguir.

III. - É eliminada a letra *h* do interior dos vocábulos, com exceção do seu emprego, como sinal diacrítico, nas combinações *ch*, *lh*, *nh*, com os valores que as seguintes palavras exemplificam, e unicamente para eles: *chave*, *malha*, *manha*. [...] IV. - É conservado o *h* inicial, quando a etimologia o justifique, como em *homem*, *humano*, *honra*, *hoje*; mas abolido onde é errôneo, como em *hontem*, *hir*, *hombro*, que se escreverão *ontem*, *ir*, *ombro*. (VIANA, 1912, p. 11)

Tais modificações foram preservadas até os dias atuais e as formas de escrita com o



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p.01-170, jan.-abril.2018.

grafema “h” encontradas no Livro de Notas são justificadas em grande parte pela ampla adesão ao período pseudoetimológico da ortografia. Os vocábulos encontrados com consoantes geminadas (*Tipo 3*) podem ser explicados igualmente pelo período pseudoetimológico, no qual houve uma grande tentativa de se escrever de maneira mais rebuscada e com elegância. Feijó (1861, p. 35) traz a seguinte explicação para o uso das consoantes duplas:

Muitos dão aqui varias regras: mas humas tão confusas, e outras tão incertas, que eu julgo só observar as palavras latinas, e vermos quaes são as portuguezas, que dellas se derivão, para as escrevermos com semelhantes letras. [...] Donde as palavras *Abbreviar, Affinidade, Aggravar, Communicar, Peccar*, dobrão as consoantes, porque as latinas, de que são derivadas, tambem as dobrão.

Alguns dos vocábulos que apresentam esta condição e que aparecem com maior frequência no Livro de Notas analisado são: “collectoria” (35), “anno” (88), “settenta” (125), “sette” (52), “villa” (53), “nottas” (36), “deffender” (31), “delles” (46) e “elles” (30). Percebe-se uma padronização que subjaz ao uso das consoantes geminadas, que ocorrem no *corpus* apenas com determinadas consoantes (“t”, “n”, “l” e “f”), e que nenhum dos vocábulos se inicia ou termina por elas. Podemos observar, a partir da obra de Feijó (1861), que durante o século XIX essas consoantes geminadas eram mais frequentes em muitas palavras, e a maioria das consoantes do alfabeto podia também ser dobrada, com exceção do “h”, “j”, “v”, “x” e “z”, que nunca eram geminadas pelo fato de os latinos não dobrarem esses grafemas.

Ainda de acordo com Feijó (1861), as consoantes “f”, “t”, “n” e “l”, quando geminadas, chamadas pelo autor de consoantes dobradas, são grafadas assim por analogia com a língua latina. Mas, segundo Willians (1975), algumas palavras do período pseudoetimológico não eram escritas de tal forma por causa da sua etimologia, e sim por imitação: “Tais grafias podem ter decorrido da imitação do uso indiscriminado de outras consoantes simples e duplas intervocálicas” (WILLIANS, 1975, p. 39). Sendo assim, o copista podia muito bem inserir uma consoante por imitação de outra palavra, sem saber, por exemplo, que não se dobra o “l” em todas as palavras com esse grafema.

Com relação aos vocábulos “settenta” (125), “sette” (54) e “settecentos” (11), pode-se justificar a sua grafia pela afirmação de Santos (2006, p. 139) de que “no primeiro caso de evolução do latim para o português pela evolução popular, temos o grupo de consoantes que se tornaram geminadas como é o caso do grupo *pt > tt* [...]”.

No início do século XX, as consoantes geminadas tenderam a reduzir-se a uma só. De acordo com Viana (1912, p. 11), nenhuma consoante poderia, a partir de então, se duplicar no



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p.01-170, jan.-abril.2018.

interior ou no fim de um vocábulo, somente quando a pronúncia exigisse, em alguns casos de “r” e “s”.

Em continuação a essa análise, passa-se a análise do último tipo de variação consonantal (*Tipo 4*) que trata dos encontros consonantais “pt”, “ct”, “gn” e “çç”, os quais foram encontrados no *corpus*, como podemos observar nesses vocábulos que ocorreram com mais frequência: “escriptura” (56), “dicto” (95), “districto” (51), “assignadas” (70), “assigno” (48) e “acçoens” (8).

Feijó (1831, p. 56) faz a seguinte observação com relação às palavras escritas com “ct”: “escreveremos em portuguez com *ct* aquellas palavras, que dos latinos recebemos com a mesma Orthographia” e ainda traz uma lista de palavras que devem ser grafadas com “ct”. Desta feita, é válido informar que os vocábulos citados acima com o uso do encontro consonantal “ct” encontram-se presentes na lista apresentada por Feijó (1831). Contudo, o autor adverte que essa regra não se aplica a todas as palavras, por isso, ao escrever, sobretudo textos de maior formalidade, cabe ao copista ou escritor consultar a etimologia da palavra.

Com relação ao encontro consonantal “gn”, o autor afirma:

A doutrina desta lição he para maior credito da nossa língua na imitação da latina [...]. As palavras que se escrevem com *Gm*, e *Gn* todas são participadas da latinidade, que no uso, e pronúncia dos doutos não perderão esta Orthographia, que nos leva ao conhecimento de sua origem. (FEIJÓ, 1831, p. 67)

As palavras que apresentam consoantes duplas eram escritas, quase sempre, de tal maneira por analogia à origem da palavra. Sendo assim, um copista ou escritor, quando em dúvida sobre a sua grafia, teria que consultar um vocabulário ou dicionário latino, por exemplo, para ter certeza de como era a escrita de uma determinada palavra. No início do século XX, muitas palavras que eram grafadas com as consoantes duplas perderam a primeira consoante através do processo chamado síncope, como no caso de “districto” e “escriptura”, que passaram a “distrito” e “escritura”, de acordo com Gonçalves Viana (1912, p. 76; 236).

## Considerações finais

Da análise dos vocábulos, importa mencionar que foram menos expressivos aqueles contendo variações vocálicas do que os vocábulos com variações consonantais, totalizando, respectivamente, cento e setenta e dois (172) e trezentos e setenta e sete (377) casos.



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p.01-170, jan.-abril.2018.

Provavelmente, isto se dá em razão de haver um número maior de consoantes e por elas, ao longo da história da ortografia da LP, terem sofrido maiores modificações do que as vogais.

No caso das variações vocálicas, as variantes com o ditongo final foram as mais expressivas, tanto na quantidade como na frequência em que ocorreram, com um total de cento e trinta e três vocábulos (133). Nas variações consonantais, a alternância entre as consoantes “s”, “z”, “c” e “ç” foram as mais expressivas, totalizando cento e setenta e nove (179) vocábulos. É importante ressaltar que não houve nenhuma ocorrência de palavras com metátese e hipértese no *corpus*.

O Livro de Notas 2 utilizado como *corpus* desta pesquisa é datado de 1876 e 1877, o que o faz estar inserido no período pseudoetimológico da ortografia, que se iniciou no século XVI e perdurou até o início do século XIX. A esse respeito, foi possível observar que as variantes analisadas mostram uma consonância com esse período da ortografia, como as variações entre as consoantes “s”, “z”, “c” e “ç” e o uso das consoantes geminadas. É notável dizer que, o período recebe o nome de pseudoetimológico porque para escrever adequadamente a língua portuguesa era preciso conhecer a origem das palavras, mas o que acontecia, na realidade, era que nem todos tinham tal conhecimento, o que levava muitos a escreverem por analogia ou imitação.

Entretanto, apesar de se encontrar no período supracitado, também temos resquícios do período fonético, marcado pela influência da oralidade na grafia das palavras, como podemos observar nas ocorrências de “u” por “o” nos vocábulos encontrados no *corpus*.

Observa-se, com base em Toledo Neto (1999), que há nas variantes analisadas uma tendência gráfica maior à uniformização, e não ao caos, como se pode pensar à primeira vista. Com base nas análises das variações feitas no *corpus*, podemos concluir, a partir de Toledo (1999), que há a preferência pelas formas-padrão, aquelas que mesmo com variações mostram-se frequentes. É o caso das consoantes geminadas, que não atingem todas as consoantes e nem podem ser usadas em qualquer posição no interior dos vocábulos e dos encontros consonantais, que acontecem apenas com determinadas consoantes do alfabeto. Percebe-se, assim, que há uma padronização da escrita, ainda que não formalizada em um acordo ortográfico.

Espera-se que o estudo filológico e ortográfico feito neste trabalho possa contribuir com os estudos históricos da Língua Portuguesa, principalmente os de vertente ortográfica, para que se compreendam melhor determinadas realizações da escrita e as suas modificações, percebendo a variabilidade relativa da Língua, tanto de épocas pretéritas, como da atual, e compreender, principalmente mediante às análises, que a Língua e a ortografia podem se alterar



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p.01-170, jan.-abril.2018.  
ao longo do tempo.

## Referências

BORBA, F. da S. *Pequeno vocabulário de linguística moderna*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

CAGLIARI, L. C. Aspectos teóricos da ortografia. In: SILVA, M. (Org.) *Ortografia da língua portuguesa: história, discurso e representações*. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2015. p. 17-52.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

FACHIN, P. R. M. Critério de leitura de manuscritos: em busca de lições fidedignas. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, n. 10-11, 2009, p. 237-262. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59824/62933>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

FEIJÓ, J. M. M. *Othographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portugueza*. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1861.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. “Para que filologia/crítica textual?”. *Acta*, Assis, v. 1, 2011, p. 1-12.

SANTOS, M. B. G. *Variação grafemática em documentos manuscritos em português durante o século XVIII*. 2006. b246f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Trad. port. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TOLEDO NETO, S. A. Aspectos da variação gráfica no português arcaico: as variantes consonantais no Livro de José de Arimatéia (cod ANTT 643). In.: RODRIGUES, Â. C. S.; ALVES, I. M.; GOLDSTEIN, N. S. (Org.) *I Seminário de filologia e língua portuguesa*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 55-64.

VIANA, A. R. G. *Vocabulário ortográfico e remissivo da língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa/Paris: Livraria Bertrand; Livraria Aillaud, 1913.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Trad. port. Antônio Houaiss. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.